

Quarta-Feira, 24 de maio de 1995

EXPOSIÇÃO

Começa hoje retrospectiva com 28 obras da carreira de Luis Sacilotto, representante do concretismo nas artes plásticas

O artista Luis Sacilotto junto a obras de sua exposição

Exposição relembra o concretismo de Sacilotto

DANIEL PIZA
Da Reportagem Local

Exposição: Obras selecionadas
Artista: Luis Sacilotto
Onde: Sylvio Nery da Fonseca Escritório de Arte (r. Oscar Freire, 164, tel. 011/64-3086, Jardins, zona sul)
Quando: abertura hoje, às 20h; até 24 de junho
Visitação: de segunda a sexta, das 10h às 19h; sábado, das 10h às 13h
Preços: de US\$ 6.000 a US\$ 14 mil

Parte representativa do que se fez em pesquisa visual no Brasil pode ser vista a partir de hoje, no escritório de Sylvio Nery da Fonseca, em 28 obras do artista concretista Luis Sacilotto, 71.

Não é a retrospectiva que ele merece, mas há obras de 1950 a 1984, pinturas e peças, e dá para ver por que Sacilotto pertence ao seleto grupo da arte geométrica brasileira, com Geraldo de Barros, Sérgio de Camargo, Lygia Clark, Franz Weissmann, Maurício Nogueira Lima e Antonio Lizárraga.

Esses artistas levaram a pesquisa visual no Brasil nos anos 50 e 60 a um grau de sofisticação que só a Itália teve semelhante.

Sacilotto foi um dos que assinaram o manifesto que fundou o Grupo Ruptura, em 1952, ao lado de Waldemar Cordeiro, Hermelindo Fiaminghi e outros.

A idéia era fazer uma arte em que o jogo de formas geométricas provoca o sentido, acostumado a buscar figuras definitivas. Cada obra pode ser vista, no sentido físi-

co, de mais de uma maneira.

O ponto de partida é a Gestalt, ou teoria da forma —segundo a qual uma estrutura é mais que a soma de suas partes e, portanto, depende de como é olhada (como aquela figura clássica que, numa vez, parece uma taça e, em outra, parecem dois perfis opostos).

“Gosto de quando a pessoa vem olhar o quadro, vê uma coisa e, de repente, vê outra”, diz Sacilotto. “É uma provocação.”

Mas a arte de Sacilotto supera o truque visual, a brincadeira positivo-negativo. Como diz um texto de 1980 do poeta Décio Pignatari, “ele propõe a audácia de reaprender a ver, negando-se a transformar o olho em carimbo”.

No fim dos anos 50, isso é atingido pelas peças que não são “esculturas”, não são objetos pesados erguendo-se do pedestal, mas recortes do espaço, que usam os espaços vazados como volumes.

Outro ponto alto ocorre no início dos anos 80, quando Sacilotto alinha flâmulas por toda a tela, variando a posição delas em 15 graus na vertical e na horizontal.

O resultado é uma instabilidade criada com máxima precisão e a sugestão de volume nas figuras. As melhores telas são como essas: têm movimento nas três dimensões; vão além de um pisca-pisca.

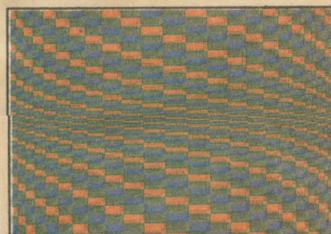
O que se conclui da exposição é que o concretismo fica como fase importante porque ensinou que ver, necessariamente, inclui rever.



O artista plástico Luis Sacilotto

O ESTADO DE S. PAULO

QUARTA-FEIRA, 24 DE MAIO DE 1995



Têmpera s/ tela de Luís Sacilotto, que inaugura exposição hoje, às 20h